

**Revista de Literatura,  
História e Memória**

Dossiê 90 anos da Semana de  
Arte Moderna no Brasil

ISSN 1809-5313

VOL. 8 - Nº 11 - 2012

UNIOESTE / CASCAVEL

P. 73-81

# MEMÓRIA, IDENTIDADE, IMAGENS EM GRACILIANO RAMOS

ROCHA, Marcos Antônio Ferreira (UFRJ)<sup>1</sup>

**RESUMO:** Neste artigo apresentamos a Teoria da Memória a partir dos ensaios de Henry Bergson e da narrativa autobiográfica *Infância* de Graciliano Ramos, em um estudo interdisciplinar onde memória e identidade perpassam os capítulos desse romance memorialístico. Percebe-se também a seleção de imagens e a elaboração de uma identidade individual e coletiva. Assim, o imaginário de Graciliano, evoca tanto as concepções individuais de identidade como serve para mostrar a subjetividade da coletividade onde o autor/ narrador está inserido.

**PALAVRAS-CHAVE:** Henry Bergson; Teoria da memória; Graciliano Ramos; Identidade; Romance.

**ABSTRACT:** This paper aims to present the theory of memory built in the essays by Henry Bergson and also in the novel *Childhood* by Graciliano Ramos parting from an interdisciplinary point of view which searches to show the many aspects of memory and identity, which are the central plot of Graciliano's novel. In this literary analysis we can also see the selection of images made by the author and which reveals at least, two kinds of identity: individual and social identities.

**KEYWORDS:** Henry Bergson; Theory of memory; Graciliano Ramos, Identity; Novel.

A memória tem o poder de remeter o indivíduo para o passado a fim de reconstruí-lo. As cenas imagéticas selecionadas são as mais significativas para ele. Daí o processo formador de uma identidade individual em que os fatos do passado, como delineadores de uma consciência, a qual implica num modo de estar no mundo, mostrando o grau de relações estabelecidas com os fragmentos da realidade, têm as reminiscências como sustentáculos nesta incansável busca em elaborarmos uma identidade.

O ato de lembrar como um meio saudosista se reporta para a infância, onde tudo é visto com um ar de perfeição. O momento presente passa a ser anulado, pelo menos temporariamente, dando espaço para que o pensamento leve o espírito até o mundo da infância, firmando-se assim uma vida contemplativa, segundo Henry Bergson (1990).

As imagens e as lembranças movimentam-se em busca de um passado, de um acontecimento pertencente à própria história do sujeito. A consciência, assim, num jogo dialético entre imagens e reminiscência assemelha-se ao foco de câmera fotográfica em que a realidade passa a ser descrita como recortes instantâneos.

O romance *Infância* (1945), de Graciliano Ramos, será analisado no que diz respeito à relação da memória com as identidades individual e social através da seleção das imagens e, conseqüentemente, da representação destas de modo que haja certa transcendência daquilo que se vê.

## A SELEÇÃO DAS IMAGENS

No romance memorialístico *Infância* o narrador, em primeira pessoa, relata cenas de um passado, ora de descobertas, ora de conscientização de uma identidade social existente em cada indivíduo. A história se passa em Buíque, cidade natal do narrador. É lá que ele tem suas primeiras experiências com a realidade. Os grupos familiar e social são os agentes responsáveis pelo desenvolvimento do corpo e da mente do sujeito. Os objetos também contribuem para a formação do indivíduo na proporção em que se relacionam com eles. O narrador recorda acontecimentos da sua infância:

A primeira coisa que guardei na memória foi um vaso de louça vidrada, cheio de pitombas, escondido atrás de uma porta. Ignoro onde o vi, quando o vi, e se uma parte do caso remoto não desaguasse noutra posterior, julgá-lo-ia sonho. Talvez, nem me recorde bem do vaso: é possível que a imagem, brilhante e esguia, permaneça por eu ter comunicado a pessoas que a confirmaram. Assim, não conservo a lembrança de uma alfaia esquisita, mas a reprodução dela, corroborada por indivíduos que lhe fixaram o conteúdo e a forma. De qualquer modo a aparição deve ter sido real. Inculcaram-me nesse tempo a noção de pitombas - e as pitombas me serviram para designar todos os objetos esféricos. Depois me explicaram que a generalização era um erro e isto me perturbou. (RAMOS, 1953, p.7)

O binômio palavra e imagem se funde e, simultaneamente, se dissocia, posto que a palavra estabeleça um jogo polissêmico em diferentes contextos. Pode-

mos reescrever um dado enunciado de variados modos, permanecendo este com o mesmo sentido. Como diz Otavio Paz “dois atributos distinguem as palavras: primeiro, sua mobilidade ou impermutabilidade; segundo, em virtude de uma mobilidade, a capacidade de uma palavra pode ser explicada por outra” (PAZ, 1982, p.10). A imagem-palavra, se podemos chamá-la assim, passa a ser construída na nossa memória (imaginação) por meio de palavras que gradativamente elaboram cenas de um passado, “a primeira coisa que guardei na memória foi um vaso de louça vidrada, cheio de pitombas escondido atrás de uma porta” (RAMOS, 1953, p. 7).

Em Infância as imagens voltam-se a um passado a partir do tempo presente. Não há lembrança-imagística de um passado sem a relação do corpo com o mundo que nos rodeia. Os estímulos exteriores vão ao encontro do estado interior do homem, para então acontecer certa seleção de imagens, que busca representar o sujeito em forma de identidade individual, em geral, permanecendo no plano do inconsciente. Vejamos o trecho abaixo:

Buíque tinha a aparência de corpo aleijado: o largo da feira formava o tronco; a rua da Pedra e a rua da Palha serviam de pernas, uma quase estirada, a outra curva, dando um passo, galgando um monte; a rua da cruz onde ficava o cemitério velho, constituía o braço único, levantado; e a cabeça era a igreja, de terra fina, povoada de corujas. (RAMOS, 1953, p. 9)

Buíque, como espaço fundamental para desencadear todo um processo de lembrança, é comparada a um corpo aleijado. Segundo Bergson (1990), o corpo é um objeto que move outros objetos, sendo logo um centro de ação. Nesta descrição da cidade de Buíque, como um corpo aleijado, as imagens estabelecem certa interligação entre os lugares que foram selecionados, desde o largo da feira até a igreja da torre fina, formando uma consciência individual do sujeito ao voltar-se a um passado de lembranças.

#### IMAGENS E LEMBRANÇAS: IDENTIDADE INDIVIDUAL E SOCIAL

No pensamento bergsoniano a ação do corpo implica na seleção de imagens, que de alguma forma tem um sentido para o sujeito. Os sons, os cheiros e as

cores são estímulos para que este corpo desperte imagens, até então, adormecidas. O corpo, portanto, reage às lembranças desagradáveis ou às lembranças agradáveis, deixando o estado de espírito do sujeito ora esfacelado, ora vibrante. As imagens passam na mente do indivíduo como se fossem flashes interligados ou inacabados entre si, elas estão sempre buscando um sentido para o sujeito, enquanto peça primordial nesse processo de contínua construção individual ou social.

Em *Infância*, romance de memória, as lembranças reconstroem um passado numa espécie de jogo em que a história do sujeito é revivida, evidentemente, que diferente da primeira experiência. Assim, as imagens estão sempre em contínua mudança: “Achei-me, horas depois, dia claro, escanchado na maçaneta de uma sela, horrivelmente sacolejado pelo trote de um cavalo, grossas mãos amparando-me.” (RAMOS, 1953, p.42).

O sujeito vê-se num tempo passado rodeado de objetos que o complementam ao estabelecer uma espécie de relação com eles. Objetos estes que ora são expressivos para sua história de vida; ora são definidos de um olhar próprio de ver o mundo, através de um tempo psicológico pelo qual a imaginação transporta-o para lembranças-imagísticas que podem durar uma eternidade: “Algum tempo depois eu e minha irmã brincávamos junto dele. Corríamos daí para copiar, voltávamos, descansávamos um instante na sombra” (RAMOS, 1953, p. 69).

O estado de espírito mostra-se em uma sucessão de lembranças imprecisas a partir do tempo presente que muitas vezes nos remete para um futuro. Essas imagens-lembranças, segundo o grau de receptividade do sujeito, podem ter uma duração “infinita” ou simplesmente passarem sem que o sujeito as percebam. Na visão de Benedito Nunes, “uma pode parecer-nos tão curta quanto um minuto se a vivermos intensamente; um minuto pode parecer-nos tão longo quanto uma hora se nos entediamos” (NUNES, 1986, p. 42).

Em *Infância*, assim como no texto proustiano *Em busca do tempo perdido*, o tempo é explicitado por um “eu” que deixa de ser conduzido por meio de lembranças e liberdade, cujo estar no mundo e com o mundo se dilui na consciência ou no inconsciente. Em Proust:

Aquele gosto era o do pedaço de Madalena que no domingo de manhã em Combray (pois no domingo eu não saía antes da hora da missa) minha tia Leôncia me oferecia, depois de o ter mergulhado no seu chá da Índia ou da Tília, quando ia cumprimentá-la em seu quarto [...]. (PROUST, 1975, p. 47)

E em Ramos:

Mergulhei numa cumprida manhã de inverno. O açude apoiado, a roça verde, amarela e vermelha, os caminhos estreitos mudados em riachos, ficaram-me na alma. Depois veio a seca. Árvores pelaram-se, bichos morreram, o sol cresceu, bebeu as águas, e ventos mornos espalharam [...]. (RAMOS, 1953, p. 19)

Partindo do pressuposto de que as lembranças estão associadas ao ato do trabalho, segundo Maurice Halbwachs, citado em Ecléa Bosi em *Memória e Sociedade*. (1987, p. 17), percebemos a tentativa de se construir uma identidade individual a partir do trabalho minucioso da leitura: "Eu precisava ler, não os compêndios escolares, insossos, mas aventuras, justiça [...]". (RAMOS, 1953, p. 210). E, ainda: "A pretexto de ver os trabalhos, escapulia-me com o romance debaixo do paletó, voltava [...], ia esconder-me na sala" (p. 210). Assim, o indivíduo lança um olhar para o passado buscando refazer e repensar fatos já vivenciados que apresentam um sentido oposto, no momento presente, àqueles pertencentes a um mundo distante do atual. O narrador lê para construir a sua individualidade, pois no ato da leitura, as lembranças juntamente com as imagens se fundem de modo que a memória armazene informações significativas ou marcantes para a formação das identidades individual e social. O pensamento bergsoniano afirma:

Ao contrário, a lembrança de tal leitura particular, a segunda ou a terceira por exemplo, não tem nenhuma das características do hábito. Sua imagem imprimiu-se necessariamente imediato na memória, já que as outras leituras constituem, por definição, lembranças diferentes. (BERGSON, 1990, p. 61)

O ato de ler apresenta-se em Bergson como uma sequência distinta das precedentes. As lembranças são sempre diferentes durante os variados momentos da leitura. Não decodificamos os signos linguísticos de um texto em sucessivas vezes repetidas. Eles estão mergulhados num jogo polissêmico de sentido que o estado de espírito do sujeito contribui para a realização da leitura. A partir disso, emergem, na nossa memória, imagens e lembranças renovadas. Já em Graciliano Ramos, o ato de ler busca expressar certa conscientização do sujeito enquanto agente do seu processo histórico. O narrador mantém uma distância do passado, trazendo-o para o presente por meio da memória que desencadeia as imagens e lembranças de uma infância

repleta de descobrimentos, pelos quais os objetos à sua volta entram em contato com a percepção corporal do narrador, transformando-o em um componente individual e social do seu tempo: "Demorei a atenção nuns cadernos de capas enfeitadas por três faixas virtuais, borrões, nódoas cobertas de riscos semelhantes aos dos jornais e dos livros". (RAMOS, 1953, p. 100)

E, ainda:

Descobri um folheto de capa amarela e papel ordinário, cheios de letras miúdas, as linhas justas, tão juntas que para um olho inexperiente os saltos e as repetições eram inevitáveis. Creio que isso me pareceu depois do meu acesso de religião. Deve ter sido por aí. Os santos que penduravam nas paredes do meu quarto cresciam demais. Diminuíram e foram substituídos pelos seres que povoavam as histórias volumosas. (RAMOS, 1953, p. 200)

O narrador descreve duas etapas no ato de ler: a primeira compreende o contato preliminar do sujeito com o livro em que se observa a obra, analisando a parte externa e posteriormente o título do texto. Lemos e relemos este título numa atitude inconsciente, para decifrarmos o conteúdo, que muitas vezes, não corresponde à primeira impressão-perceptiva do livro. Em um contato mais duradouro e perspicaz com esta obra, passamos a imaginá-la com maior intensidade, estabelecendo elos entre imagens e lembranças na busca precoce de sentidos para o mundo das letras. Essas imagens-lembranças dar-se-ão no instante em que a consciência do indivíduo atinge o lado de fantasia e do sonho que, por sua vez, reflete uma realidade do tempo presente. O terceiro momento envolve o exame do texto sem nenhuma ordem estabelecida para então fixarmos um ponto que nos levará a atribuímos juízo de valor a obra. A partir do terceiro plano temos o narrador diante do seu próprio conhecimento de mundo, ao associar ideias de um passado a um tempo presente. A fusão destas duas imagens resulta numa outra lembrança que mostra o sujeito não mais como era antes, mas com nova cosmovisão que se expressa numa identidade individual. Segundo Bergson, "nossa experiência passada é uma experiência individual e não mais comum, porque temos sempre muitas lembranças diferentes, capazes de se ajustarem igualmente a uma mesma situação atual" (BERGSON, 1990, p. 62).

Os espaços na narrativa *Infância* contribuem para a formação de uma identidade individual e social na medida em que a memória do narrador se volta ao passado. As imagens apresentam nesta narrativa a escola como um lugar, onde a repressão e a severidade estão sempre presentes nas lembranças do narrador, a "escola, segun-

do informações dignas de crédito, era um lugar para onde se enviavam as crianças rebeldes” (RAMOS, 1953, p. 47). No entanto, ao passar do tempo, o narrador percebe que a escola não era bem assim como havia relatado a ele, embora já tivesse presenciado crianças transtornadas no espaço escolar. Não teria esse comportamento. Era uma criança, cujas brincadeiras não faziam barulho: Eu me comportava direito: encolhido e morno, deslizava como sombra. As minhas brincadeiras eram silenciosas. [...] Em consequência, possuía ideias absurdas, [...]” (RAMOS, 1953, p. 108).

O narrador lembra-se da escola como um espaço desagradável onde a presença autoritária da família e do pai dele permanece sempre por perto. A partir dessa relação da criança com o grupo escolar, passa-se à construção de uma identidade individual e, conseqüentemente, social que ora mostra-se pessimista, ora otimista. O contato do narrador com os fatos, objetos e pessoas durante a infância definirá atitudes e hábitos do sujeito com o mundo, ou seja, todo um comportamento adulto. A interação do homem com esses elementos resultará em lembranças que podem povoar a mente dele de saudades ou pode contrariar seu “eu”.

As cenas que vivemos durante o período da infância, normalmente, são recordadas na idade adulta. As imagens-lembranças passam a serem aquelas que se voltam a uma reconstrução do passado. O narrador em *Infância* menciona o lugar onde morava com um apego significativo. Ele se lembra da fauna e da flora com pormenores, tais como das árvores frutíferas em que os meninos colhiam frutos e os sons dos animais ao anoitecer. Enfim, a vila, espaço da infância do narrador, é descrita de forma sempre inédita e perfeita. As igrejas têm torres finas e povoadas pelos pássaros; os becos iam até o sítio de Seu Paulo Honório, indo também até a lagoa. A memória do narrador assim percorre todo um passado em que se viveu num espaço, responsável pelas imagens-lembranças. Lembranças estas que de algum modo marcaram os primeiros anos de vida do sujeito e foram também expressivas em relação às atitudes tanto do corpo quanto da mente, numa fase de maturidade pessoal.

O espaço da casa do narrador, em *Buíque*, é sempre descrito ao longo da narrativa como uma característica indissociável da construção de uma identidade pessoal ou individual deste narrador memorialístico. É a partir do seio familiar que passamos a interagir com os objetos a nossa volta e também com o grupo social. “A nossa casa era na rua de Palha, junto à de D. Clara, pessoa grave que tinha diversos filhos” (RAMOS, 1953, p. 55). Daí a formação pessoal e coletiva do sujeito. A memória logo é aquela possuidora de um campo esférico não mais isolado, mas sim socializador, posto que abranja não só o individual, mas também o social ou coletivo. Isso acontece ao “confundirmos” o que nos contaram e o que realmente vivenciamos

*Verdade e*

*Poesia* (1966), “Quando queremos lembrar do que aconteceu nos primeiros tempos da infância, confundimos várias vezes o que se ouviu dizer aos outros com as próprias lembranças [...]” (GOETHE, 1966, p. 22).

As lembranças que povoam a mente do narrador em *Infância* exprimem saudade do grupo familiar. O avô é um personagem cultivador de suas terras, ele se preocupa com os animais que lá habitam. Esse papel do velho, resgatado, pelo narrador, é de patriarca e de transmissor de um saber não só através da memória, mas também de uma vida ativa. O duplo papel do velho no romance-memorialístico centra-se nos tempos presente e futuro. No presente, as experiências do cotidiano são ainda mantidas. Só num momento de fadiga lança mão da memória, a fim de relacionar o passado a fatos atuais. Imagens e lembranças surgem na sua mente como ocupação ou trabalho memorialístico. Já a memória do jovem adulto, segundo Halbwachs, (1950, p.36) é de contemplação e de lazer.

Percorremos a narrativa *Infância* com um olhar analítico e uma memória atenta a registrar cenas e acontecimentos deste romance, formando imagens através das quais trazemos à tona o pensamento de Henry Bergson (1990) que trata de memória no sentido corporal e espiritual, ao passo que Maurice Halbwachs, nos livros *Os quadros sociais da memória* (PARIS,ALCAN,1925) e *A memória coletiva* (PARIS, PUF,1950), enfoca a memória numa perspectiva social. Verificamos também que a memória é um mecanismo gerador de identidades individual e social. Em *Infância*, estas identidades são manifestadas através dos múltiplos personagens de Graciliano Ramos que, muitas vezes, são descritos sob um processo de características inconscientes do próprio autor.

## NOTAS

<sup>1</sup> cursou Licenciatura em Letras na Universidade Federal Fluminense, Especialização em Literaturas e Culturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal Fluminense, Mestrado em Ciência da Literatura na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente é professor de Língua Portuguesa e Literatura no Instituto de Educação de Florianópolis (SC).

## REFERÊNCIAS

BERGSON, Henry. *Matéria e memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.



GOETHE, Wolfgang. *Memórias: Poesia e Verdade*. Brasília: Universidade de Brasília/HUCITEC, 1966.

HALBWACHS, Maurice. *Os quadros sociais da memória*. Paris: Alcan, 1925.

\_\_\_\_\_. *A memória coletiva*. Paris: PUF, 1950.

NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. São Paulo, Ática, 1986.

PAZ, Otávio. A Imagem. In: *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

RAMOS, Graciliano. *Infância*. 3. ed. Rio de Janeiro: São José Olympio, 1953.